

ANOUK MARKOVITS

Eu sou proibida

Tradução

George Schlesinger



Copyright © 2012 by Anouk Markovits
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
I Am Forbidden

Capa
David J. High

Foto de capa
Carla van de Puttelaar

Preparação
Silvana Afram

Revisão
Angela das Neves
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Markovits, Anouk
Eu sou proibida / Anouk Markovits ; tradução George Schlesinger
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original: I Am Forbidden
ISBN 978-85-359-2406-0

1. Literatura inglesa 2. Romance Histórico 1. Título.

14-01257

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Romance Histórico : Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1939

Szatmár, Transilvânia

Leves, rápidos, os calcanhares de Zalman tocavam o chão enquanto ele corria, nu, pelo corredor central da casa de oração. Sua mão se estendeu na direção do rolo da Torá erguido acima do altar, porém a capa bordada deslizava para cima, para fora da vista. O rolo estava aberto, revelando uma passagem que ele não memorizara. Ali, indiferente à negra escritura ashurita, as longas tranças desfeitas, estava Rachel Landau, a noiva de seu parceiro de estudos. Seus olhos escuros sorriram para Zalman. Ele correu mais depressa na direção dela, os quadris subindo e descendo, circundando o calor de sua *amá**...

Zalman acordou sentindo um calor úmido na coxa. Ficou deitado quieto, enquanto os textos que conhecia tão bem baixavam sobre ele: *Vós que vos inflamais entre os terebintos... que as-*

* A tradução de termos em iídiche e hebraico e nomes pouco familiares ao leitor brasileiro estão no final deste volume, num glossário organizado em ordem alfabética. (N. E.)

sassinais as crianças no vale... Não, não leiam schochtei, que assassinais, e sim sochtein, que fazeis escorrer. Rabi Yochanan diz: *Quem quer que lance sua semente em vão merece a morte.* Zalman puxou com força o cinto amarrado em torno de seus pulsos. Se seus companheiros de quarto não estivessem ali, ele teria batedo no peito, obedecendo ao comando: *Fica irado e não peques.* Apertou a fivela contra o travesseiro para que não ressoasse na cabeceira metálica. Soltou um pulso, depois o outro. Havia tomado todas as precauções — nem a Lei nem o costume ordenavam que ele prendesse as mãos. Desatou a corda que amarrava seu tornozelo ao estribo da cama, de modo a impedir que ele se vira-se de bruços e se roçasse accidentalmente durante o sono. Estendeu a mão em busca da bacia com água. O pijama pegajoso coulou-se à virilha.

Senhor do universo, eu fiz isto involuntariamente.

Puxou o lençol.

Toda cama sobre a qual ele se deita e que tenha a emissão é impura.

Ele se esgueirou escada abaixo, pelo corredor estreito e escuro onde cada pequena ripa das venezianas fechadas era uma acusação. No deserto teria sido excluído da tenda do Tabernáculo e do acampamento dos levitas.

Empurrou a porta que se abria para o banho ritual. Ele imergiria três vezes e então teria permissão de estudar os livros sagrados naquele mesmo dia — *renascido após a terceira imersão.*

Despiu-se. A água beliscou suas panturrilhas, suas coxas; o arrepio fez murchar sua *amá*. Estendeu os braços e deixou-se afundar, certificando-se de que seus longos cachos laterais ficaram totalmente submersos.

Aconteceu no sono, pensou Zalman; ele tinha certeza de jamais ter corrido, nu, diante dos olhos de uma mulher, mas era

culpado de outras maneiras, e o Senhor o estava punindo — seus colegas de classe decerto não eram visitados por tais sonhos.

Devia ter fugido tão logo vira Gershon segurando um alfinete e um volume do Talmude, tão logo vira os estudantes reunidos. A ponta metálica pairava sobre uma linha de texto, com cuidado para não arranhar as letras sagradas, fincada exatamente acima da palavra *pai*.

“*E então, Zalman?*”, os estudantes o provocaram.

Zalman não resistiu: “Contenda”.

Gershon ergueu a página do pesado tratado e todas as cabeças se curvaram para examinar que palavra se via no verso da página, exatamente onde estava a ponta do alfinete: *contenda*.

E o alfinete já estava fincado acima de outra palavra.

“E a duas páginas daqui, Zalman?”

Ele deveria ter considerado aquilo vaidade e se afastado, mas sabia a palavra na ponta do alfinete duas páginas adiante. “*Observa.*” Só quando a ponta fincou sobre uma terceira palavra é que Zalman pôs fim à presunção, mas mesmo enquanto saía correndo sentiu o prazer de ouvir os sussurros reverentes dos colegas.

A cabeça de Zalman irrompeu na superfície da água para tomar fôlego, depois afundou uma segunda vez, mergulhando mais fundo no seu passado.

Ezra, o Mascate, gritava para ele: “Seis anos de idade e você consegue nomear toda a descendência de Adão até o rei Davi? Qual era o nome do descendente de Adão na décima segunda geração?”.

“Arpachade.”

“O vigésimo quinto?”

“Amram.”

“É verdade, o menino Stern é um *ilui*, um prodígio de conhecimento da Torá.”

Zalman não sabia ser modesto. Despejou o vigésimo sexto e o vigésimo sétimo nome como se a dádiva de Deus fosse uma conquista pessoal.

Ergueu a cabeça para tomar fôlego pela segunda vez e afundou na água de novo.

As palavras de seu pai ressoavam: “Cinco anos de idade e o nosso filho joga bolinha de gude em vez de estudar?”.

Quando o professor saiu da sala de aula, Zalman se juntou aos outros garotos para arremessar nozes e ver quem as lançava mais perto da parede.

A preocupação do pai; o silêncio da mãe.

Submergiu até o fundo da pequena piscina até voltar aos três anos, uma criança com obrigações de criança. Seu pai tosando seu cabelo, deixando dois cachos laterais. Aí começou a flutuar subindo de volta e tinha dois anos, pronunciando as primeiras palavras enquanto os Céus o presenteavam com uvas passas e amêndoas. Tinha um ano, lambendo biscoitos com a forma de letras hebraicas cobertos de mel enquanto a mãe o cobria de beijos. Levantou-se e saiu da água.

Renascido.

Agora podia pôr seus filactérios, agora podia rogar a Ele: *Lembra-Te das amarras de Isaac, da Tua promessa a Abraão. Por mérito deles, não pelo meu, subjuga, mata, arranca os lilin gerados por meio dessas gotas que saíram de mim em vão...*

O Senhor ouviu a súplica de Zalman. Não houve emissões noturnas nos Dias Terríveis que conduzem ao Dia do Perdão, nem do Dia do Perdão até a Festa dos Tabernáculos. Ele podia

olhar todo homem diretamente nos olhos novamente. No dia da Festa da Lei, *Simchat Torá*, Zalman dançou. Jamais sentira Sua presença com tanta proximidade.

Até o pôr do sol da tarde anterior, os chassidim haviam discutido os avanços de Hitler e Stálin pelos jornais; tinham debatido a queda de Varsóvia dez dias antes, e a partilha da Polônia, mas no dia da Festa da Lei eles dançaram. Seus braços direitos se erguiam, se dobravam, se estendiam, golpeando o ar a encobrir o manuscrito que envovia seus anos de vida. Cada rodada de dança elevava seus corpos para mais perto de suas almas.

Comandando a dança, o Rebbe jogava a cabeça de um lado a outro. De olhos cerrados, ele via maravilhas que palavras não podiam descrever. Saltitava e o coração de toda a congregação saltava junto.

“*Shadai! Melech! Netsach!*”, exclamava o Rebbe.

O círculo se aquietava, os chassidim estremeciam à medida que os nomes do Senhor pairavam sobre suas faces enlevadas.

“Ai, iai, iai”, gritava o Rebbe.

“Ai, iai, iai”, respondiam os chassidim. E cantavam música após música, entoando melodias sem restrições de letras ou significados, e os cachos laterais eram córregos prateados rodopiando em volta dos portões celestiais, que, com toda certeza, esta noite se escancarariam na sétima rodada.

O assistente cochichou algo no ouvido do Rebbe, ele assentiu, então o assistente chamou: “A prece *Adir Kevodô*” será cantada por Zalman Stern!”.

Era uma grande honra comandar um hino na congregação do Rebbe, uma imensa distinção para um jovem solteiro, mas

Zalman não era apenas um prodígio de conhecimento da Torá, tinha também a mais bela voz a leste de Viena.

“Shshshsh! Silêncio!”, conclamou o assistente.

A voz de Zalman ergueu-se, focada, a partir do abdome, conforme lhe fora ensinado pelo pai, o cantor litúrgico de Temesvár. “*Esplêndida é a Sua honra...*”

As notas mergulharam nas profundezas, depois se elevaram, atiçando os anseios dos homens de se libertarem de seus corpos. Juntaram-se para o refrão, assombrados por ouvir suas modulações desregradas cobrindo o tom perfeito.

Aí a voz de Zalman se elevou novamente.

Muito depois de a última nota ter pairado no ar e fenecido, todos se mantinham quietos, até que o Rebbe soltou um “*Ai, mamale, ai!*”.

Eles se curvaram e voltaram a dançar — os meninos, os homens feitos, aqueles de barbas brancas; abraçando os rolos da Torá, saltitavam ao longo da roda que fazia seu passado rodar rumo ao futuro; entrelaçados por seus cachos, eles voltavam a se enrolar No Começo.

O dia raiava quando os homens deixaram a sinagoga.

Zalman Stern e seu parceiro de estudos, Gershon Heller, saíram juntos. Os dois rapazes caminhavam de um modo que mostrava respeito pela presença do Senhor: sem orgulho demais, ombros para trás, queixo reto, mas não erguido. Os passos ressoavam levemente através da neblina. Separaram-se ao chegar à Praça Libertății. Zalman adentrou a larga praça sozinho. Ondas de névoa banhavam as fachadas, mas Zalman via gemas cintilantes: Se, em *Simchat Torá*, dançar era o mesmo que rezar; se, em *Simchat Torá*, os anjos juntavam cada passo dançado por cada judeu e os teciam formando coroas, então o esplendor do Senhor, nesta manhã...

Algo puxou o colarinho de Zalman por trás, com força.

Um estalido abafado. Um ruído tardio quando o botão rolou pelas pedras do chão.

Soldados.

Um puxão na manga de Zalman. Mais dois botões se soltaram.

O cano de uma arma levantou seu chapéu. Sua mão se ergueu até a cabeça.

Um murro seco nos dedos. A mão de Zalman se recolheu, mas não antes de apalpar o solidéu para ver se tinha permanecido no lugar.

A boca da arma apontou para o chão. “Pegue!”

Zalman pegou o chapéu, segurou-o com as duas mãos, inseguro quanto a recolocá-lo na cabeça.

Um par de botas pretas se adiantou. Dois dedos de couro agarrraram o chapéu, erguendo-o lentamente. A palma de uma mão achatou o chapéu contra o crânio de Zalman. As botas recuaram.

Uma baioneta apontou para sua barriga.

Zalman fechou os olhos. Se era para morrer, então que fosse de encontro à morte à maneira de rabi Akiva, proferindo a palavra *Um*. E como os mártires que o antecederam, Zalman entoou: “*Escuta, ó Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é...*”.

“Um, dois, três. Parado!”, a voz em frente ordenou.

Um clique. Um clarão.

Zalman tinha os ombros curvados. Ele olhava para o piso, casaco aberto, chapéu amassado contra a testa, enquanto os soldados ao seu redor mantinham uma pose triunfal.

A mesma voz à sua frente: “Ótimo. Mais uma. Não se mexam!”.

Clique, clarão.

Os soldados relaxaram os rifles, o fotógrafo desmontou o tripé, a patrulha marchou para dentro da neblina que ainda escondia as fachadas da Piața Libertății.

Os olhos de Zalman se arregalaram. Seu coração pairou nos ares.

Ele estivera pronto, pronto para morrer em nome do Senhor.

*

Alguns meses depois, Zalman Stern casou-se com Hannah Leah Shaïovits e aqueles sonhos cheios de culpa jamais retornaram. Emitindo sua semente conforme o ordenado, Zalman gerou sua primeira filha, a quem deu o nome de Eydell Atara — Eydell em memória da mãe de sua mãe, Atara pelas coroas que viu na manhã em que sua vida foi pouparada.

A história da fotografia era a única que Zalman contaria a seus filhos, para explicar os infotografáveis cinco anos seguintes.